

A DIMENSÃO CULTURAL NO ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE RUSSO: CONSTRUINDO PONTES

Maria Luisa Ortiz Alvarez
Universidade de Brasília

“Não quero ficar confinado em minha casa, como se não houvesse portas nem janelas. Quero que as culturas de todas as partes do mundo ventilem meu lar com a maior liberdade possível”.

Mahatma Gandhi (1869-1948)



RESUMO: Uma LE pode ser aprendida em espaços fisicamente muito distantes daqueles em que é falada, mas a dimensão sociocultural precisa estar presente na sala de aula para que se possa promover uma proximidade entre a cultura-alvo e a do país de origem, assim como transmitir uma imagem mais autêntica daquela, colaborando com a destruição de estereótipos e preconceitos. A importância da inclusão da cultura e dos fatores socioculturais justifica-se na medida em que os alunos, durante o processo de aprendizagem, serão confrontados com situações em que não poderão fazer interpretações a partir de suas próprias pautas de comportamento, sob pena de provocarem mal-entendidos, frustração, estresse e até choques culturais. Isso poderia ocasionar ao aluno uma certa barreira afetiva, com consequências bastante negativas à aprendizagem da

língua. A comunicação verdadeira só se estabelece se for proposto ao aluno um diálogo intercultural, em que a cultura-alvo seja apresentada como uma das múltiplas expressões da natureza e da vida humanas e o estudo da língua como uma oportunidade de conhecê-las melhor. Haverá também um desenvolvimento de atitudes e valores com respeito à sociedade, à aceitação e à valorização da diversidade e da diferença, bem como o reconhecimento e o respeito mútuo. Assim, o aspecto central deste trabalho é considerar a cultura como elemento fundamental no ensino de PLE para falantes de outras línguas, neste caso específico para falantes de russo. Para atingir o nosso objetivo pretendemos mostrar como utilizar os provérbios na sala de aula de PLE para ensinar língua-cultura.

PALAVRAS-CHAVE: língua, cultura, PLE, provérbios, ensino/aprendizagem.

RESUMEN: Una lengua extranjera puede ser aprendida en espacios físicamente muy distantes de aquellos en que ella es utilizada por los miembros de una determinada comunidad donde la misma constituye su lengua materna, mas la dimensión sócio-cultural precisa estar presente en la sala de clase de LE para que se pueda promover una proximidad entre la cultura meta y La del país de origen, así como también transmitir una imagen mas auténtica de aquella, colaborando así para aislar ciertos estereotipos y prejuicios que eventualmente surjan. La importancia de la inclusión de la cultura y de los factores sócio-culturales se justifica en la medida em que los alumnos, durante su proceso de aprendizaje, serán enfrentados a situaciones en que no podrán hacer interpretaciones a partir de sus propias pautas de comportamiento, pues podrán provocar malentendidos, frustraciones, estres y hasta choques culturales. Esto puede llevar a este alumno a crear una cierta barrera afectiva, con consecuencias bastante negativas para su aprendizaje. La comunicación verdadera sólo se establece si de hecho le propusiéramos un diálogo intercultural, donde la cultura meta sea presentada como una de las múltiples expresiones de la naturaleza y vida humana y donde el estudio de esa lengua-cultura sea una oportunidad de conocerla mejor. Habrá también una posibilidad de desarrollar actitudes y valores con respecto a aceptar, respetar y valorizar la diversidad y reconocer las diferencias culturales. Así, el aspecto central de este trabajo es considerar la cultura como elemento fundamental dentro de la enseñanza de Portugués para extranjeros, en este caso específico para hablantes de ruso. Para poder alcanzar nuestro objetivo pretendemos

mostrar como utilizar los provérbios, una de las, mas genuínas expresiones de cultura, en las clases de Português para ensinar língua-cultura.

PALABRAS-CLAVE: língua, cultura, PLE, provérbios, enseñanza-aprendizaje.

Introdução

Aprender uma língua estrangeira é ir ao encontro de uma realidade que é diferente da nossa e para compreender esta nova realidade é necessário entender e aprender as normas que regulam a interação social do país cuja língua se estuda familiarizar-se assim com todo o conjunto de convenções que formam a cultura meta. Isso implica também aprender os significados, valores e práticas de um determinado grupo, expostos por intermédio da língua. Somente este processo de descobrimento de significados e práticas possibilita aos aprendizes da língua-alvo negociar e criar uma nova realidade com seus interlocutores, que se baseia na interação e experiência compartilhada.

Uma comunicação efetiva requer a descoberta das imagens condicionadas culturalmente e que são evocadas à mente dos nativos quando falam, atuam e reagem no mundo que os rodeia. Compreender o contexto cultural da comunicação é fundamental, muitas vezes, para decodificar com acerto um enunciado. As habilidades de comunicação se intensificam e se realçam pela intimidade com o contexto cultural de pensamento e conduta. Há, no entanto, que se indagar quais são as convenções socioculturais que regulam a participação dos falantes nativos nos intercâmbios linguísticos, porque também os hábitos culturais formam uma verdadeira geografia de condutas, que é preciso conhecer e a aula de língua estrangeira pode ser um universo multicultural cujo contexto oferece uma notável facilidade para a criação de processos de interculturalidade. Nesse sentido, Janzen (1998) traz o seguinte conceito de interculturalidade:

Interculturalidade é sempre conhecimento e reconhecimento do Outro para aprofundar o autoconhecimento,

sentir e repensar para entender melhor, ou até encontrar, a sua própria identidade. A interculturalidade não pode, de forma alguma, estabelecer uma comunicação de mão única do país da língua materna para o país da cultura alheia/estranha – ele é muito mais um processo de mão dupla. (JANZEN, 1998, p.12)

A competência intercultural vem trazer "novos ares" para o ensino de língua estrangeira, pois, segundo Kramsch (1998), essa competência intercultural representa um passo adiante da competência sociocultural, já que supõe que se transcendam os conteúdos gramaticais, funcionais e culturais para fomentar um conjunto de valores e atitudes destinado a formar falantes interculturais.

Dentro desse enfoque, Byram e Zarate (1994, *apud* FERNÁNDEZ, 2004) postulam quatro subcompetências que o aluno precisa adquirir, são elas: a) competência existencial (saber ser), capacidade de estabelecer uma relação entre a cultura materna e a cultura-meta; b) capacidade de aprender (saber aprender), para criar um esquema interpretativo de acordo com os novos referentes e parâmetros da cultura-meta; c) saber fazer (destrezas e habilidades) que consiste na capacidade de integrar o saber ser e o saber aprender em situações de contato entre a cultura materna e a cultura-meta; d) conhecimento (saber), uma série de referências culturais que estruturam o conhecimento explícito e implícito adquirido durante a aprendizagem linguística e cultural. Dotado destes conhecimentos e capacidades, o falante intercultural é capaz de estabelecer relações entre a cultura da língua materna e a cultura-alvo, superando, assim, o mito da imitação da suposta perfeição do "falante nativo".

Sendo assim, a aprendizagem de um idioma implica uma alteração da autoimagem, na adoção de novas condutas sociais e culturais e de novas formas de ser, o que produz um impacto importante na natureza social do aluno. Por outro lado, precisamos ter em mente que a identidade individual está intimamente ligada à maneira pela qual nos expressamos. Isso quer dizer que quando falamos uma nova língua estamos adotando alguns "marcadores" de identidade de outro grupo cultural.

Não podemos esquecer também que o sistema de crenças é a base dos nossos valores. Para Samovar, Porter e Stefani (1998, p.60), "valores são uma organização aprendida de regras para fazer escolhas e para resolver conflitos". Estas regras são normativas e nos ensinam o que é bom, útil, certo, errado, porque lutar, como viver nossa vida, etc. Assim, um sistema de valores representa aquilo que é esperado, exigido ou proibido.

Embora cada um de nós tenha um conjunto individual de valores, existem também aqueles valores que permeiam a cultura. Estes são chamados de valores culturais e são transmitidos por uma variedade de meios (família, mídia, escola, igreja, governo etc.) e dessa forma tendem a ser duradouros e relativamente estáveis. Os valores culturais guiam a nossa percepção e comunicação. Isto é, nossos valores se transformam em ações. A compreensão dos valores culturais nos ajuda a apreciar o comportamento das outras pessoas.

De acordo com Samovar, Porter e Stefani (op. cit.), a cultura apresenta algumas características que lhe são peculiares. Sobre essa questão comentaremos resumidamente a seguir.

a) A cultura é aprendida

Segundo os autores, esta é a mais importante das características da cultura, pois representa o legado que recebemos das gerações anteriores como ponto central do conceito de cultura e afirmam que, sem o conhecimento do grupo armazenado na memória, nos livros e em outros objetos, não teríamos a cultura.

O aprendizado da cultura se dá de várias maneiras e de fontes diversas. Na infância, por exemplo, membros de uma cultura aprendem seus padrões de comportamento e maneiras de pensar, ainda que a maioria destes fatores se internalize. Esse aprendizado pode acontecer de forma consciente ou inconsciente.

A forma consciente é mais fácil de entender e explicar, porque ela se situa no nível cognitivo. Pode ser, por exemplo, sobre hábitos de higiene, ou quando os pais ensinam a criança a agradecer um elogio recebido, ela estará aprendendo sobre relacionamento social.

Assim, as pessoas são induzidas a pensar conscientemente sobre as mensagens que elas estão recebendo, mas é de forma inconsciente que aprendemos a maior parte daquilo que chamamos de cultura. A cultura nos influencia desde o momento em que nascemos, mas raramente ficamos atentos às mensagens que ela nos envia, porque esta aprendizagem inconsciente acontece de forma tão subliminar que simplesmente passa despercebida.

A cultura também pode ser aprendida por meio dos provérbios, já que estes podem ser considerados verdadeiros "tratados" sobre valores da cultura. Os contos, as lendas e os mitos também são uma rica fonte de aprendizado porque as histórias que cada cultura conta a seu povo por intermédio deles fazem com que a cultura seja transmitida de geração em geração. Finalmente, a mídia se impõe como importante fator de transmissão da cultura, porque ela tem um grande grau de penetração em nossa vida diária, promovendo informação e entretenimento, influenciando atitudes e moldando comportamentos, afetando assim profundamente a experiência cultural das sociedades modernas.

Assim, para que a cultura exista e perdure é preciso que determinadas mensagens e elementos sejam propagados. Neste sentido, vale ressaltar a importância crucial da comunicação, que faz com que a cultura seja um processo contínuo.

b) A cultura é baseada em símbolos

Para Samovar, Porter e Stefani (1998), a cultura sem a língua é impensável, porque é a linguagem que torna possível o intrincado sistema a que chamamos de cultura. Nosso cérebro e todas as nossas estruturas neurológicas associadas nos permitem usar símbolos num nível de sofisticação jamais compartilhado por qualquer outra criatura. Nós não apenas podemos transmitir conhecimento de uma pessoa para outra, mas também passar ideias de uma geração a outra. À nossa disposição temos as especulações, observações, fatos, experimentos e sabedoria acumulados há milhares de anos. Por meio da linguagem verbal, não-verbal ou icônica é possível aprender da

experiência cumulativa e compartilhada. A língua permite às pessoas comunicarem aquilo que desejam e assim organizar suas experiências dentro de categorias abstratas e expressarem pensamentos nunca antes manifestados.

As culturas podem usar a linguagem oral, escrita e ações não-verbais como símbolos. A mente, os livros, gravuras, filmes, vídeos, disquetes de computador permitem à cultura preservar o que é importante e relevante para ser transmitido. A cultura é, portanto, acumulativa, histórica e preservável.

c) A cultura é dinâmica

A cultura é um sistema dinâmico que não existe num vácuo; logo, ela é passível de modificação. Segundo Laraia (2004), existem dois tipos de mudança cultural: uma que é interna, resultante da dinâmica do próprio sistema cultural, e uma segunda que é o resultado do contato de um sistema cultural com outro. Samovar, Porter e Stefani (op.cit.) afirmam que, embora muitos aspectos da cultura sejam sujeitos à modificação, a "estrutura profunda" resiste a maiores alterações. Isto é, mudanças nas vestimentas, alimentos, transportes, moradia ocorrem com mais frequência, enquanto valores associados à ética, moral, trabalho, lazer, práticas religiosas, comportamento estão profundamente embebidos da cultura e persistem de geração em geração. Os autores comprovam o exposto acima por meio de estudos realizados nos Estados Unidos, os quais mostram que os valores culturais centrais dos anos 90 são bastante similares àqueles de 200 anos atrás.

d) A cultura é integrada

As funções da cultura são um todo integrado. Se a cultura é tocada em alguma parte, todo o resto é afetado. Alguns valores influenciam fatores como o tamanho das famílias, a ética profissional, os valores espirituais, entre outros que compõem a totalidade do conceito de cultura.

e) A cultura é etnocêntrica

O etnocentrismo é a característica que está mais diretamente ligada à comunicação intercultural. Os antropólogos geralmente concordam que o etnocentrismo pode ser encontrado em qualquer cultura (HAVILAND, 1993; KEESING, 1965; BATES e PLOG, 1990; NANDA, 1994 *apud* SAMOVAR, PORTER e STEFANI, 1998). A maioria destes estudiosos afirma que a propensão de ver as coisas a partir de seu próprio ponto de vista é muito natural e, a não ser que seja levada ao extremo, pode ter efeitos positivos. O etnocentrismo é muitas vezes uma fonte para construir a identidade pessoal e cultural. Ele só se transforma em uma condição negativa e se torna destrutivo quando é usado para excluir e fornecer as bases para avaliações depreciativas, oferecendo assim resistência às mudanças, dando origem aos estereótipos.

f) A cultura é adaptável

Como podemos ver em nossa discussão sobre mudanças culturais, a cultura é adaptável. A história nos fornece muitos exemplos de como as culturas têm mudado por causa das leis, das alterações nos valores, dos desastres naturais, das guerras ou outras calamidades. Um exemplo de mudança é que por muito tempo, o que se esperava das mulheres é que elas permanecessem em casa e cuidassem das crianças. Ou que elas desempenhassem funções como secretárias, enfermeiras ou professoras. No entanto, forças da cultura, bem como considerações econômicas, dentre outros, alteraram drasticamente os papéis femininos. Atualmente vemos mulheres ocupando altos cargos e sendo muitas vezes responsáveis pelo sustento da família. Tanto os homens, quanto as mulheres tiveram que se adaptar a esta mudança cultural. Existem, é claro, muitos outros exemplos dessas mudanças.

Assim, é preciso ter consciência de que nenhuma cultura deve ser absolutizada. Para poder estabelecer uma comunicação intercultural, devemos nos aproximar do Outro.

Segundo Todorov (1988 *apud* Janzen, 1998, p.11), esta aproximação com o Outro, o estranho, se realiza a partir de quatro níveis de conhecimento:

- no primeiro estágio (axiológico), observo o outro a partir de meus próprios parâmetros, julgando que o mundo estranho segue as mesmas regras que o meu. Neste sentido, o elemento estrangeiro é encaixado em dois extremos, ele é bom ou mau;
- no segundo estágio (de ordem praxiológica), distancio-me de minha própria identidade, em busca de um máximo de informações a respeito do Outro: seus costumes, seu modo de pensar, sua língua;
- no estágio seguinte (ainda de ordem praxiológica) retorno a minha identidade, concluindo que os valores de ambos são relativos e não definitivos;
- no último estágio, epistêmico, dá-se o verdadeiro conhecimento, uma vez que abandono minha identidade primeira, não podendo a ela retornar ao mesmo tempo que me aproximo do Outro, sem haver uma fusão total com ele. O resultado epistêmico é uma nova identidade, construída a partir da diferença.

Como se pode observar aprender a ser intercultural não é tarefa fácil, mas se nas aulas de língua nos dedicássemos a desenvolver a competência intercultural dos alunos e a olhar a língua como cultura, talvez pudéssemos enxergar que ensinar língua estrangeira é ensinar também as suas variações (gírias, provérbios, expressões idiomáticas, etc.). Elas, além de oferecer informação cultural valiosa, constituem um precioso material interativo que, colocado na sala de LE, ajudará e auxiliará os alunos a perceber semelhanças e diferenças em valores, significados e crenças de outros povos e as suas próprias.

A seguir falaremos dos provérbios, tema central do nosso trabalho para, assim, poder entender o porquê seria viável inseri-los nas aulas de LE para ensinar língua-cultura.

- **O provérbio**

Para poder dar uma definição de provérbio tem-se ainda de recorrer a uma obra de meados do século passado que tem sido adotada como a mais consensual, a “Lexicografia Moderna” de Casares (1950). Para Casares, provérbio é:

...una frase completa e independente, que en sentido directo o alegorico, y por lo general en forma sentenciosa y elíptica, expresa un pensamiento – hecho de experiencia, enseñanza, admonición, etc. –, a manera de juicio, en el que se relacionan por lo menos dos ideas (1950, p.92).

Os provérbios se remontam às civilizações mais antigas, como a Suméria, o Egito e a China. Na Suméria, foram achadas 700 placas e fragmentos de provérbios que atestam a sua importância e o seu aproveitamento literário. Não se pode esquecer também o uso que a Bíblia deles faz. Na Grécia, Aristóteles, Demócrito e Sófocles a eles recorreram muitas vezes e em Roma foram Cícero e Sêneca os seus principais cultores.

O Cristianismo medieval muito contribuiu para a sua preservação, embora Mattoso (1987) acreditasse que o seu uso tenha sido restrito ao clero, uma vez que encontrou apenas 250 provérbios em textos medievais. O maior contributo dado nesta altura à divulgação dos provérbios foi o do acréscimo da rima pelas línguas vernáculas. Mas é, sobretudo, em relação à literatura quinhentista e seiscentista que os provérbios têm uma grande dívida, não só porque foi nesta altura que os primeiros registos em vernáculo surgiram, mas porque data também de então a sua popularização pelo uso recorrente em textos. Os provérbios continuam a seduzir o leitor atual, sobretudo porque eles encerram esforço na percepção e na reflexão e também por sua expressão verbal. A beleza lhes é conferida pelo uso metafórico da linguagem, pelas aliterações, pelo virtuosismo da língua, pela elegância do estilo, pela agudeza do raciocínio. Sem contar o

humor, os jogos de ideias, o duplo sentido que ostentam e que são uma forma de divertimento.

Dado que refletem experiências de vida, que abordam aspectos fundamentais da vida, que veiculam a opinião geral (senso comum) e que aconselham, criticam, proíbem, admoestam, são também uma ótima fonte de conhecimento dos valores éticos, estéticos, sociais de um povo.

A sua forma compacta facilitadora da memorização e a grande afinidade que têm com a oralidade fazem dos provérbios uns dos mais eficazes transmissores do conhecimento moral e prático do senso comum. Embora com significados que podem variar no tempo e espaço, são de uso bastante constante entre as mais diversas classes sociais. Compostos segundo um modelo lógico que impõe a aceitação de valores e padrões caros a grupos sociais que os incorporam à comunicação do dia a dia, constituem uma das modalidades mais vigorosas da tipologia do cotidiano.

Mas o seu uso não se limita à expressão oral, ao quotidiano, em que servem para esvaziar sentido, para reforçar ideias, para mostrar erudição, para contradizer ou para divertimento. Os textos literários também a eles recorrem para criticar costumes (através da sátira ou ironia), para exemplificar ações, para reforçar ideias, para dar autoridade às ideias do autor, para mostrar erudição e mesmo para ensinar a língua e os valores. A literatura faz um uso bastante diferenciado deles: ora os usa para veicular uma moral pela positiva, conferindo-lhes o valor de exemplaridade, ora visa transmitir a moral pela negativa, criticando através da sátira e da ironia, mostrando o que não se deve fazer. Assim, a fala proverbial embeleza o conteúdo da voz humana.

Os provérbios, de modo geral, são criados ou acontecem no seio do povo em situações concretas, portanto, têm significado denotativo, e, logo, ou com o transcorrer do tempo e das situações, esse significado vai se metaforizando. Mais, a trajetória de um provérbio da fase embrionária do seio popular à vida plena pode ser imaginada da seguinte forma: são formulados em situação concreta quanto ao fato, mas imprecisos quanto às circunstâncias (como os enunciadores

e co-enunciadores, gente do povo, porém não particularmente identificada, mais as circunstâncias de tempo, lugar etc.). De fato, aceita-se sua origem popular – que é a regra.

Portanto, os provérbios revelam a sabedoria popular, perpetuando e espelhando sua ideologia e vivência, graças à memória discursiva individual e coletiva não identificada, garantida pela formulaicidade das formas, e pela sensibilidade espontânea popular, que, de um modo particular e curioso, as renova, recria e encontra soluções constantes de uso, imprimindo grande expressividade e força a seus modos de pensar e dizer, realizados sem qualquer timidez e preocupação com normas e regras.

• Os provérbios na sala de aula de LE

O ensino de provérbios é uma forma de fazer o aluno, aprendiz de uma língua estrangeira, entrar em contato com o acervo cultural do grupo falante da sua língua-alvo. E os provérbios estão nessa dimensão: na dimensão da língua. Dessa maneira, por constituírem o acervo cultural de um povo, consideramos, sim, importante trabalhar com provérbios. Entretanto, e principalmente, também consideramos o trabalho com provérbios interessantíssimo para trabalhar questões relativas à história e à ideologia de um grupo falante da mesma língua.

Mas o provérbio ao refletir sobre a verdade e os interesses dos grupos sociais é conservador e universalmente misógino. Aplica-se a toda maneira antiga, aguda, sucinta e metafórica de exprimir verdades palpáveis de conteúdo moral ou prático e de veiculação popular, revestindo-se, com uma aparente simplicidade, de componentes bastante diversos:

Por exemplo:

Conduta de vida a ser seguida: *Junta - te aos bons e serás um deles.*

Conselho ou advertência: *Não se deve pôr o carro na frente dos bois.*

Sentença bíblica: *Quem semeia ventos colhe tempestades.*

Em “*O pensamento vivo de José Bonifácio*” o autor sentencia: “os anéis e provérbios de uma nação são descrições lacônicas dos seus costumes e modos de pensar: o modo de rir, de mofar, de conversar é uma pintura de traços mais verdadeiros de caráter nacional, para quem têm olhos e judicativa”. Assim, o provérbio estrutura-se com vários recursos de construção, como rima (para dar cadência e facilitar a memorização) aliteração, assonância, elipse de artigo, elipse de antecedente, repetição de palavras, oposição de palavras, paralelismo morfosintático, dialogismo, estrutura binária de sintagmas correlatos.

Os provérbios “*apresentam uma história condensada e implícita que será interpretada por meio de uma projeção*” (TURNER, 1996, p. 4-6). Assim, no provérbio *Quando o gato sai, o rato sobe na mesa* há uma história que é compreendida a partir de nossa capacidade mental parabólica: tomamos a história contida no provérbio (história fonte) e a projetamos na história que queremos construir (história alvo). Desse modo, *Quando o gato sai, o rato sobe na mesa*, dito em um escritório pode ser projetado em uma história de chefe e funcionários; se for na sala de aula estará projetando uma história de professor e alunos; e, assim, sucessivamente.

Se o camelo não ajoelhasse, ninguém lhe punha carga em cima.

Quem com porcos se mistura, farelo come.

O que vem de baixo não me atinge.

Tudo que cai na rede é peixe.

Quando a esmola é demais, o santo desconfia.

Aquele que dá passadas muito largas não pode andar.

Aqui se pode observar a escolha de uma configuração sintático-semântica predominante: a construção condicional. A construção condicional proverbial se diferencia da genérica pelos pontos de idiomatismo, que são marcas formais, semânticas, pragmáticas e prosódicas, definidoras da estrutura formulaica. Nas construções em questão tais marcas são: estrutura formular, estrutura semântica e

prosódica binomial (rima, aliteração, métrica, antítese e paralelismo), uso prototípico do tempo verbal: presente, objetivo comunicativo, função projetiva e diretiva. Esses aspectos se conjugam na constituição dos provérbios como um poderoso recurso mnemônico.

O exemplo de uma análise de provérbios tem por objetivo argumentar a favor do fato de que eles, por serem objetos simbólicos que acontecem na língua, contam e fazem uma história e, ao contarem uma história, eles a trazem de volta cada vez que são enunciados, e estabilizam também sua ideologia fazendo história também. Espera-se que aquele que os ouve atue na direção dos efeitos de sentido que os provérbios indicam. Eles sempre têm o mesmo formato, a mesma estrutura, o mesmo léxico, ou seja, eles têm estabilidade na materialidade da sua linguagem. Essa qualidade garante a estabilidade dos efeitos de sentido que produzem.

Para encontrarmos um provérbio em português que possa ser considerado a tradução mais próxima de um provérbio em espanhol, seria interessante: 1) verificar palavras ou expressões que estejam presentes nos dois provérbios; 2) observar qual é o efeito de sentido que ele está produzindo. Ou seja, a procura pela tradução do provérbio já se configura como um início de análise. Essa primeira etapa pressupõe a procura pela semelhança entre os provérbios. Dito de outra maneira, para encontrar a tradução é interessante localizar, nos dois provérbios, elementos que sejam importantes para a produção do efeito de sentido comum a ambos.

В семье не без урода.

Versão brasileira: Em todo rebanho há sempre uma ovelha negra.

В тихом омуте черти водятся.

Versão brasileira: Lobo em pele de ovelha.

Вкруте и вяз переломишь.

Versão brasileira: A união faz a força.

Вот в чём загвоздка

Versão brasileira: Onde o sapato aperta.

Где тонко – там и рвётся.

Versão brasileira: A corda sempre arrebenta do lado mais fraco.

Голь на выдумку хитра.

Versão brasileira: A necessidade é a mãe da invenção.

Дарёному коню в зубы не смотрят.

Versão brasileira: Cavalos não se olham os dentes.

Делить шкуру неубитого медведя.

Versão brasileira: Contar com os ovos no cu da galinha.

Дружба дружбой, а служба службой.

Versão brasileira: Amigos amigos, negócios à parte.

Друзья познаются в беде.

Versão brasileira: Os amigos de verdade se conhecem na adversidade.

И на старуху бывает проруха.

Versão brasileira: Errar é humano.

Как аукнется – так и откликнется.

Versão brasileira: Cada um tem o que merece.

Как дважды два – четыре.

Versão brasileira: Tão certo quanto dois mais dois são quatro.

Кто рано встаёт, тому бог подаёт.

Quem madruga Deus ajuda.

Лес рубят – щепки летят.

Versão brasileira: Não se pode fazer um omelete sem quebrar os ovos.

Лучше один раз увидеть, чем сто раз услышать.

Versão brasileira: Uma imagem vale mais do que mil palavras.

Лучше поздно, чем никогда.

Versão brasileira: Antes tarde do que nunca.

Лучше синица в руках, чем журавль в небе.

Versão brasileira: Melhor um pássaro na mão do que dois voando.

Не всё золото, что блестит.

Versão brasileira: Nem tudo o que reluz é ouro.

Нет дыма без огня.

Versão brasileira: Onde há fumaça há fogo.

Рука руку моет.

Versão brasileira: Uma mão lava a outra e as duas o rosto.

Язык до Киева доведёт.

Versão brasileira: Quem tem boca vai a Roma.

Obtido em "http://pt.wikiquote.org/wiki/Proverbios_russos.
Consultado em 19 de janeiro de 2011

O trabalho com textos que contenham esse tipo de enunciado ou unidade fraseológica é também uma forma de aprendê-los e apreendê-los e ao mesmo tempo nos dá a possibilidade de nos inserirmos na cultura-alvo. Um exemplo disso é o texto a seguir extraído da Revista Língua Portuguesa, no qual podemos encontrar uma linguagem mais dinâmica. Os gêneros de textos podem ser diversos, tanto escritos como orais (literários, jornalísticos, manchetes de jornais e revistas, telenovelas, seriados, filmes).

TEXTO

NA INTERNET – “Papo impessoal”

“A conversa abaixo não é verídica. Mas quantas vezes você não ouviu papo parecido no ônibus, na fila do banco ou no salão de beleza? O pior é pensar que a gente mesmo já deve ter dito esse monte de lugares-comuns e expressões populares. O roto falando do rasgado. Ops!

- Ela plantou o que colheu, né?
- Pois é, eu avisei que Deus tava vendo. Tem sempre que fazer o bem sem olhar a quem...
- Agora ela vai comer o pão que o diabo amassou. Mas teve o que mereceu: aqui se faz, aqui se paga.
- Ela deveria saber que da vida nada se leva; e o que é da gente tá guardado. Mas, não! Preferiu o que era mamão com açúcar... E pensar que ela estava com a faca e o queijo na mão... Judiação!

- Cutucou a onça com a vara curta. Aí não tem jeito. Mas nada como um dia após o outro, viu. A Justiça tarda, mas não falha...
O pior cego é aquele que não quer ver.
- Bom, vamos em frente que atrás vem gente. Ema, emma, cada um com os seus problemas. - Ai, não fala assim que Deus castiga! Cuidado, hein, quem com ferro fere, com ferro será ferido, minha mão já dizia:
- Cuidado? Eu? Sou macaco velho. E macaco velho não bota a mão na cumbuca, não.” (p.64)

(Revista *Língua Portuguesa* No. 31, p. 64)

Para trabalhar com o texto podemos realizar os seguintes exercícios:

- a) Encontre o provérbio em português que seja equivalente do provérbio na sua língua materna
- b) Localize os provérbios no texto e explique o significado a partir da sua contextualização.
- c) Encontre o equivalente dos provérbios localizados no texto na sua língua materna.
- d) Procure dentre as seguintes aqueles que poderiam ser substituídos por os que já foram utilizados no texto.
- e) Identifique quais das seguintes estruturas são provérbios, quais são expressões idiomáticas e quais são gírias ou de carga cultural compartilhada. Tente explicar brevemente o significado delas. (Este exercício é para alunos de nível avançado)

Estar no mato sem cachorro; quem conta um conto aumenta um ponto; fim da picada; falar abobrinha; forrar o estômago; não deixes para amanhã o que podes fazer hoje; filé mignon; galera; praga; sacana; zorra, patricinha, mina, mane; apelar para a ignorância; boia fria; barra limpa; ser bicho de sete cabeças; bom pra chuchu; ser um cafajeste; cair na real; ser um capanga;

comer o pão que o diabo amassou; dar um calote; deixar de fazer onda; pedra que rola não cria limo; mais vale um cachorro amigo que um amigo cachorro; a esperança é a última que morre; embaixo desse angu tem carne; desencalhar; descascar o abacaxi; a união faz a força; estar jururu; rei morto, rei posto; Amélia.

Considerações finais

Mais uma vez revela-se a riqueza de possibilidades dos estudos da linguagem como um todo e a riqueza da própria linguagem, no seu fluir contínuo da fala para a escrita. Os provérbios podem ser usados tanto para ampliar os canais/processos de comunicação entre as pessoas de um grupo ou de uma comunidade, quanto para promover a incomunicação entre elas, no caso do uso dessas expressões com a finalidade de ferir, agredir e criticar as pessoas.

Ao fazer a proposta de analisar os provérbios, em primeiro lugar, teve-se como foco a importância da cultura oral, que permitiu ao homem construir esse fabuloso monumento do qual hoje somos herdeiros e guardiões. Estudar os sistemas de comunicação popular resgata em nós a beleza e a simplicidade da herança de nossos antepassados, que subjaz em nossas atitudes, em nossa postura, em nossas ações e orienta nossas escolhas. Essa retomada dos estudos da cultura e, principalmente, a busca da constatação de sua influência e permanência na cultura em geral comprova sua importância para o desenvolvimento da competência comunicativa, sociocultural, discursiva e intercultural.

REFERÊNCIAS

BATES, D. G. & PLOG, F. Y. *Cultural Anthropology*. New York: McGraw – Hill, 1990.

- BYRAM, M. & G. ZARATE. *Definitions, Objectives and Assesme Definitions, Objectives and Assesment of Socio-Cultural Competence*. Estrasburgo: Consejo de Europa, 1994
- CASARES, J. *Introducción a la Lexicologia Moderna*. Madrid, 1950.
- FERNÁNDEZ, F., M. El modelo de la lengua y la variación linguística. **In:** DIAZ, C. G. *Vademécum – Para la formación de profesores*. Madrid. SGEL, 2004.
- FERNANDEZ, I. G.M.E. Língua e cultura: integração na aula de língua estrangeira. **In:** *Revista Horizontes de Lingüística Aplicada. Brasília*, Ano 1. No.1, 2002, pp. 39-44.
- JANZEN, H. E. *Mediação cultural, abordagem comunicativa e ensino de língua estrangeira: o conceito lingüístico de Bakhtin e os pressupostos da interculturalidade*. São Paulo, 1998. Dissertação (Mestrado) - USP.
- HAVILAND, W., A. *Cultural Anthropology*. Vermont: Harcourt Brace Jovanovich College Publishers, 1993.
- KEESING, F. M. *Antropologia cultural: a ciência dos costumes*. Traduzido do original: CULTURAL ANTHROPOLOGY. 1 ed Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, em 1961. 2da edição, 1965.
- KRAMSCH, C. *Language and Culture*. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- LARAIA, R. de B. *Cultura: um conceito antropológico*. 17.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- MATTOSO, J. *O essencial sobre os provérbios medievais portugueses*, Lisboa: IN-CM, 1987, 60 p.
- NANDA, S. *Cultural Anthropology*. Belmont: Wadsworth, 1994.
- REVISTA Língua Portuguesa No. 31. São Paulo: Editora Segmento, maio 2008, p. 64.
- SAMOVAR L., PORTER R., STEFANI L. *Communication Between Cultures*. Belmont: Wadsworth Publishing Company, 1998.
- PORTER, R.; SAMOVAR, L. *Intercultural communication*. Boston: A Reader, 1997.
- TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. *Nós e os Outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana – 1*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- TURNER, M. *The literary mind*. New York; Oxford: Oxford University Press, 1996.